



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16577 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A (AUTO) EXONERAÇÃO E O ABANDONO DA PROFISSÃO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DO RECIFE

Ivis Chagas da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Laêda Bezerra Machado - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A (AUTO) EXONERAÇÃO E O ABANDONO DA PROFISSÃO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DO RECIFE

1 INTRODUÇÃO

Este texto, parte de uma pesquisa mais abrangente em desenvolvimento no curso de mestrado em educação, analisa aproximações e distanciamentos entre os fenômenos autoexoneração e abandono definitivo da profissão docente na Educação Básica. Tomamos como referência para essa discussão dados de autoexoneração de professores da Rede Municipal do Recife entre 2015 e 2023.

Desde a graduação, o vínculo com essa problemática decorre do nosso contato com o desencanto docente no cotidiano escolar. Nos estágios e na prática docente, percebemos, na Região Metropolitana do Recife, comentários de descrença e ameaças de abandono da profissão vindos de professores. Esse cenário de desencanto, à primeira vista, nos pareceu naturalizado na Educação Básica.

Por isso, e almejando compreender o desencantamento docente, realizamos uma revisão de literatura na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações e nos principais repositórios de artigos do Brasil (Educ@, Scielo e Periódicos Capes). Utilizamos “Desencanto+docente” e “Desencantamento+docente” como descritores de busca e os seguintes critérios: a) versar sobre a formação de professores; b) estar situado na educação básica; c) ter o termo “desencanto” como palavra-chave,

e/ou peça do título e/ou componente do resumo; d) ter sido publicado entre 2010 e 2022.

Sumariamente, localizamos nove trabalhos, sendo quatro dissertações (Cardoso (2013), Silva Neto (2017), Queiroz (2021) e Wagner (2020), quatro artigos de periódicos (Lemos e Novaes (2015), Rosa (2016), Krug, Krug e Telles, 2018), Santos e Betlinski (2020) e uma tese de doutorado (Oliveira, 2020).

Em seguida, a partir da técnica temática da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), categorizamos o desencantamento docente em quatro dimensões básicas: I. Baixa atratividade; II. Conjunto de sentimentos negativos; III. Adoecimento; IV. Abandono definitivo da profissão. Para o recorte deste texto, optamos por focar a quarta dimensão, uma vez que, o abandono de carreira, por si, constitui-se um fenômeno complexo, que ora se conecta, ora questiona o desencanto — por exemplo: os docentes que migram para outra área ou profissão apenas por questões financeiras, mantendo bons sentimentos da profissão professor. Essa relação intrigante, de não-dependência do desencantamento, em adição ao que Lemos e Novaes (2015) denominam de debate “em aberto”, nos aproximaram dessa dimensão e, por conseguinte, da incógnita: quantos professores, ao nosso redor, estão abandonando definitivamente a profissão?

Para respondermos a essa questão, recorreremos aos dados de autoexoneração da Rede Municipal do Recife, via Lei de Acesso à Informação (n.º 12.527/2011). Com base em uma lista nominal contendo 100 professores, conseguimos encontrar informações públicas sobre 66 sujeitos, dos quais apenas sete abandonaram definitivamente a docência na Educação Básica. Nesse escopo, discutimos a aproximação entre a autoexoneração e o abandono definitivo da profissão docente, constatando que, assim como a literatura conceitua, esses fenômenos não são sinônimos (Lapo e Bueno, 2003). Consideramos, ainda, o contexto social nacional de desencantamento no qual os professores estão atualmente inseridos.

Face ao exposto, este escrito, para além dessas notas introdutórias, se organiza em uma seção de desenvolvimento mais considerações finais. No desenvolvimento, discutimos os dados de autoexoneração dos professores da Rede Municipal do Recife entre 2015 e 2023, catalogando as principais justificativas para esse fenômeno. Ainda nela, contextualizamos, sucintamente, os professores na atual sociedade do desencantamento docente. Nas considerações finais, apresentamos as constatações resultantes da possível aproximação entre o abandono definitivo e a autoexoneração.

DESENCANTAMENTO DOCENTE

Quantitativamente, a Rede Municipal do Recife registrou 100 pedidos de exoneração de professores entre 2015 e 2023, representando uma média anual de 12,5 pedidos. A maior parcela de professores que pediu exoneração é de 2015, com 33 pedidos, e a menor, por sua vez, é de 2023, com quatro pedidos. De 2015 para 2023, há um decréscimo na quantidade. O período da Pandemia Covid-19 parece não ter atrapalhado essa frequência.

Conforme mencionamos, por intermédio da Lei de Acesso à Informação, a prefeitura do Recife nos forneceu uma lista nominal com todos os professores que pediram exoneração na Rede Municipal entre 2015 e 2023. De posse desses nomes, tentamos localizar e estabelecer um contato prévio, para marcarmos as entrevistas. Para tanto, partimos de informações públicas como as disponíveis nas plataformas Lattes e Escavador, bem como de redes sociais (LinkedIn, Instagram e Facebook). Por meio dessa estratégia de localização, filtramos informações sobre 66 dos 100 professores — essas informações foram suficientes para situarmos a atual área de atuação desses sujeitos. A respeito dos outros 34 nomes contidos na lista, não conseguimos localizar informações públicas que pudessem categorizá-los, hoje, em algum campo profissional.

Após a organização das informações filtradas, identificamos alguns padrões nos caminhos que os professores trilharam após a autoexoneração. Por essa razão, categorizamos os 66 sujeitos em três grupos, a saber: a) os que continuam na Educação Básica lecionando e/ou atuando em equipes de gestão e/ou coordenação; b) os que migraram e se dedicam exclusivamente ao Ensino Superior; c) os que abandonaram definitivamente a profissão de professor.

O primeiro grupo é composto por 49 professores, quase metade dos pedidos de autoexoneração. Desses 49, conseguimos contato prévio com 21 por intermédio das redes sociais. Com base nesse subgrupo que nos respondeu, constatamos que as justificativas mais comuns para a autoexoneração foram: I. O docente foi aprovado em outro concurso em um município cuja hora-aula é mais atrativa; II. O docente foi aprovado em concurso cujo município é mais próximo à sua residência; III. O professor foi aprovado em concurso para algum instituto federal. Por fim, desse subgrupo que nos respondeu, apenas um sujeito migrou da Rede Municipal do Recife para a Rede Privada, por acreditar que a “filosofia de comunidade” das Escolas Waldorf é mais empática e respeitosa para com a saúde mental dos docentes.

O segundo grupo, por sua vez, é composto por 10 professores que pediram exoneração para lecionar exclusivamente no Ensino Superior. Todavia, desses 10, seis nos responderam nas redes sociais. Com base nesse contato inicial, pudemos

constatar que os seis professores respondentes têm, a priori, dois pontos em comum: I. A exclusiva atuação em universidades federais; II. A saída da Educação Básica por desvalorização salarial. Na profissão atual, eles recebem, em média, cinco vezes mais do que quando atuavam como professores da Educação Básica. No Ensino Superior, eles lecionam disciplinas variadas para cursos de Pedagogia, História licenciatura, Biologia licenciatura, Medicina, etc.

Ademais, quatro destacam que, para atuar na Educação Básica, é preciso coragem, posto que a violência, ao menos na Rede Municipal do Recife, é frequente — violência contra os professores e entre os alunos. Importante acrescentar que, neste grupo, nem todos os professores pediram exoneração para ingressar de imediato no Ensino Superior — dois dos seis professores comentaram que pediram exoneração para se dedicar ao doutorado e aos estudos para ingresso em universidades federais; nesse período, os dois contaram com apoio financeiro do cônjuge.

O terceiro grupo, então, abarca sete ex-docentes que, em definitivo, abandonaram a profissão professor. Consoante as informações públicas no Lattes, Escavador e/ou redes sociais, constatamos que as profissões atuais desses ex-professores são: a) Empresário (2 sujeitos); b) Guia turístico na Europa (1 sujeito); c) Técnico educacional (1 sujeito); d) Pedagogo no Tribunal de Justiça de Pernambuco (1 sujeito); e) Nenhuma profissão/ocupação atualmente (2 sujeitos).

Contudo, desses sete ex-professores, apenas cinco responderam aos nossos contatos prévios nas redes sociais. Para esse subgrupo que nos respondeu, as justificativas fornecidas por eles para a autoexoneração dizem respeito a: I. Adoecimento; II. Violências; III. “Ocupação” temporária. Dois dos cinco ex-professores comentaram sobre o adoecimento e as violências no ambiente escolar, outros dois indicaram somente as violências e um indicou que pediu exoneração por, desde o início do seu ingresso, considerar a docência uma ocupação temporária.

Nesse terceiro grupo, os sentimentos com relação à profissão docente também não são lineares. Isto, porque, preliminarmente, dois sujeitos relacionaram sentimentos positivos à ex-profissão, atribuindo a culpa do abandono à desvalorização da sociedade; um desses dois acrescentou que, para ele, não há esperança de melhorias na profissão docente. Contudo, outros três sujeitos respondentes, os que sofreram algum tipo de violência mais incisivo, compartilham certa aversão à profissão professor; desses três, dois acreditam que erraram ao optar por ela na juventude.

Outrossim, embora esse terceiro grupo seja o menor em quantidade de sujeitos e dos dados apresentados serem preliminares, consideramos que as

razões que levaram esses professores a deixarem a profissão são, no mínimo, preocupantes. Lapo e Bueno (2003), em estudo específico sobre esse tema na Rede Estadual de São Paulo, concluíram que o processo de abandono do magistério é moroso e violento. Para elas, é natural que, antes do pedido de exoneração, os professores tentem se afastar das escolas. Esses afastamentos podem ocorrer por pedido de pausa, transferência de escola ou cargo e desinteresse em realizar atividades primárias de professor, como planejamento de aulas, explicação de conteúdo, etc. Para elas, quando os professores abandonam temporariamente a profissão, eles apenas postergam os problemas que os cercam, aumentando, assim, a frustração (Lapo e Bueno, 2003).

Na mesma linha de argumentação de Lapo e Bueno (2003), estudo recente de Pagani *et al.* (2023) revela que as condições de trabalho são as principais causadoras do abandono definitivo da profissão. Em análise de dados de autoexoneração na Rede Estadual de São Paulo, essas autoras constataram um acréscimo nos pedidos voluntários de exoneração em decorrência da precarização da profissão docente, dos baixos salários, da carga horária excessiva e das pressões socialmente exercidas sobre o professor contemporâneo. Lemos e Novaes (2015), na mesma direção, apontam para forças sociais dúbias que incentivam o abandono do magistério. Isto decorre, para esses autores, mediante uma sociedade problemática que ora alimenta representações romantizadas da profissão docente, ora rebaixa.

Embora o cenário da Rede Estadual Paulista constatado por Paganiet *al.* (2023), de aumentos da autoexoneração nos últimos anos, divirja da realidade que apresentamos da Rede Municipal do Recife, de diminuição nos pedidos de exoneração, consideramos os aspectos sociais, apresentados por essas autoras e por Lemos e Novaes (2015), peças-chave no aprofundamento desse problema. Por isso, compreendemos que a atual sociedade brasileira que se delinea diariamente ao professor da Educação Básica é, apesar das peculiaridades regionais, propulsora de desencantamento.

Associamos, assim, a realidade atual, tecida pela autoexoneração e o abandono do magistério, à sociedade do desencantamento. Segundo Oliveira (2020), o desencantamento não está no professor, mas, sim, na sociedade que constantemente reconfigura a imagem desse profissional.

Nesse sentido, o desencantamento ao qual nos referimos, conforme apontado por Lemos e Novaes (2015) e Oliveira (2020), atua na sociedade como propulsor da sobrecarga de trabalho, mediante uma visão romântica em adição à precarização docente. A propósito, no terceiro grupo dos pedidos de autoexoneração que comentamos acima, dois ex-professores, dos cinco sujeitos respondentes ao nosso contato prévio, relacionaram sua saída da profissão

docente às condições impostas pela sociedade, no que tange à desvalorização e à sobrecarga. Como pontuamos, essas condições, ao menos na visão de um desses sujeitos, é fatalista, ou seja, não é passível de solução.

Depreendemos esse fatalismo como justificativa de uma situação na qual as soluções visíveis contradizem, de modo fracassado, as estrutura da sociedade. Mesmo que não seja corriqueiro, uma das consequências dessa justificativa está no caminho que os professores podem encontrar, isto é, se algo dificilmente irá melhorar, a solução mais plausível é abandonar; abandonar para deixar de fazer parte dessa conjuntura de descaso social e, conseqüentemente, para deixar de sentir impotência (Lapo e Bueno, 2003).

Santos e Betlinski (2020), dialogando com Oliveira (2020) e Lemos e Novaes (2015), admitem que o jogo político racionalizado pelo neoliberalismo é condição *sine qua non* à manutenção de um espaço social desencantador para o professor da Educação Básica. Para esses autores, o neoliberalismo posiciona a questão financeira e a “sensação” de ser autodidata no cerne do debate. Consoante esses autores, esse jogo político pode massificar as funções dos professores que, a partir de uma visão romantizada, são “encorajados” a transformar toda a sociedade se assim desejarem. Essa responsabilidade utópica sobre os professores, de “superpoder”, reforça o sentimento de impotência o qual mencionamos o que, a nosso ver, encurrala esses profissionais para que “fujam” da profissão.

Os dados que levantamos previamente junto à Rede Municipal do Recife podem ser refletidos a partir da crítica tecida por Santos e Betlinski (2020). Há uma migração desses profissionais para outras prefeituras que pagam (alguns centavos a mais), bem como para o Ensino Superior (onde a remuneração, como vimos, chega a ser cinco vezes superior à da Educação Básica); afora os professores que resolvem abandonar a profissão. Apesar da questão financeira isolada não ser fator decisivo, ela influencia os professores nessas decisões (Lemos e Novaes, 2015; Lapo e Bueno, 2003).

Indo mais a fundo, Ball (2001) credita a essência mercadológica do neoliberalismo na educação como principal mantenedora dessa realidade. Esse autor apresenta constatações semelhantes às de Santos e Betlinski (2020), sendo mais específico quando defende que o mercado educacional, impulsionado por interesses neoliberais de massificação da produção, reconfigura as identidades e mina a sociabilidade inerente à escola, de tal modo a endossar uma espécie de isolamento instrumentário. Essa reconfiguração, a nosso ver, manipula a tez transformadora da escola e super-responsabiliza o professor pelo fracasso da educação na sociedade.

Nesse contexto, quando mencionamos sociedade do desencantamento, nos

referimos a características de “superprodução”, “super-responsabilização” e “supertransformação” que recaem como afazeres invisíveis aos professores da Educação Básica. Com base nos autores que expusemos, reconhecemos que a sociedade do desencantamento possui uma estrutura social, capaz de conduzir os professores a migrarem para outros segmentos com remuneração mais atrativa ou até, fazê-los desistir definitivamente da profissão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de dados de autoexoneração na Rede Municipal do Recife entre 2015 e 2023, nos propomos a analisar as aproximações e os distanciamentos entre os fenômenos autoexoneração e abandono definitivo da profissão docente na Educação Básica. Compreendemos que se tratam de fenômenos autônomos que, na efetividade do abandono, convergem.

A exemplo, apresentamos dados acerca de 66 professores de 100 pedidos voluntários de exoneração, e constatamos que, desses 66, 49 continuam na Educação Básica, lecionando em outro município. Outros 10 sujeitos pediram exoneração para se dedicarem exclusivamente à docência no Ensino Superior. Os sete restantes, todavia, abandonaram a profissão professor, pois atuam com exclusividade em outras áreas/segmentos. Em síntese, dos 66 pedidos voluntários de exoneração, 59 não se configuram abandono definitivo da docência.

Apesar do número tímido de abandono, a estrutura social brasileira na qual se insere a profissão docente é, a nosso ver, preocupante. Ficou evidenciado que os sujeitos que abandonaram a profissão não se imaginam, nem sentem vontade de voltar a lecionar na Educação Básica. Eles compartilham um sentimento fatalista de que a sociedade brasileira não dignifica o professor.

Contudo, reforçamos que a pesquisa que deu origem a este texto está em andamento e esses achados são preliminares. Por essa razão, admitimos ser crucial aprofundar essa problemática, a priori, por duas vias: I. Quais as representações da profissão docente os professores que abandonaram a profissão partilham, e como elas foram socialmente tecidas; II. Como os professores que ainda se mantêm na Educação Básica vivenciam essa profissão em uma sociedade de desencanto.

REFERÊNCIAS

BALL, S. J. Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação. **Currículo Sem Fronteiras**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 99-116, 2001. Traduzido por João M. Paraskeva e Luís Armando Gandin. Disponível em:

<https://gestaoeducacaoespecial.ufes.br/sites/gestaoeducacaoespecial.ufes.br/files/fielc>
Acesso em: 06 jun. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, S. **Professoras iniciantes da educação infantil: encantos e desencantos da docência**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana-MG, 2013.

KRUG, H. G.; KRUG, R. R.; TELLES, C. Encantos e desencantos na profissão de professores de educação física na educação básica. **Textura**, Santa Maria, v. 44, n. 20, p. 289-306, dez. 2018.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], v. 1, n. 118, p. 65-88, 2003.

LEMOS, J. C. G.; NOVAES, L.C. Juízos e práticas professorais na construção do processo de abandono do trabalho docente e o impacto sobre o trabalho pedagógico. **Revista Cocar**, Belém, v. 18, n. 9, p. 285-307, dez. 2015.

OLIVEIRA, C. **Professores em exercício: é possível educar na afetividade (ampliada) em tempos de desencantos?** 2020. 328 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

PAGANI, G.; FERNANDES, M. J. S.; BARBOSA, A. Quando os professores desistem: um estudo sobre a exoneração na rede pública estadual de ensino de São Paulo. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 34, p. e20210055, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8675305>. Acesso em: 30 jun. 2024.

QUEIROZ, D. F. **Entre calos e percalços no investimento pedagógico na escola pública: trajetórias de professores de educação física**. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

ROSA, M. C.. Situação do professorado em Portugal: identidades fragmentadas entre a paixão e o desencanto. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 412-

420, dez. 2016.

SANTOS, M. I.; BETLINSKI, C. Experiência e racionalidade estética no trabalho docente. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 4, n. 2, p. 343-372, dez. 2020.

SILVA NETO, U. G.. **O trabalho docente na sociedade da informação: possibilidades e desencantos**. 2017. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação, Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

WAGNER, L.. **Profissão docente: um estudo contemporâneo do abandono da carreira no município de Santa Maria/RS**. 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de Humanidades e Linguagens, Universidade Franciscana, Santa Maria, 2020.

Palavras-chave: autoexoneração docente; abandono do magistério; desencantamento docente.